

**CARTAS DE LEITORES DE JORNAL
COMO TEXTO ARGUMENTATIVO EM SALA DE AULA**

Solange Nascimento da Silva (UERJ)

solange.sns@ig.com.br

INTRODUÇÃO

Os jornais, de modo geral, apresentam um caderno específico dedicado a textos de opinião, em que escritores, jornalistas, políticos podem se manifestar acerca dos assuntos e fatos da realidade cotidiana.

Nesse caderno há um espaço reservado para manifestação dos leitores do jornal. Quase uma página inteira, dividida com o Editorial, é dedicada a cartas e e-mails enviados pelos leitores, com opiniões, críticas, elogios etc. sobre temas da atualidade, normalmente publicados na semana.

Esse tipo de texto apresenta características específicas e tem uma natureza argumentativa, possibilitando ao público do jornal o acesso a diferentes pontos de vista sobre um assunto. O estudo e a análise em sala de aula das estratégias utilizadas nesse texto podem colaborar para o desenvolvimento de habilidades específicas no ensino médio.

As cartas analisadas nesta pesquisa foram retiradas da seção Cartas dos Leitores, do caderno Opinião, do jornal *O Globo*.

Neste trabalho, procurou-se verificar:

- a) Os fatores que delimitam essas cartas como um gênero textual específico de caráter argumentativo.
- b) As possibilidades e estratégias para o trabalho com esses textos em sala de aula do ensino médio.

Para isso, apresentaremos brevemente algumas perspectivas teóricas a respeito do conceito de argumentação. Em seguida, analisaremos um grupo de cartas, verificando a relação entre temas e propósitos comunicativos nos textos e a forma como o enunciador apresenta e se posiciona em relação ao tema e à tese. Por fim, discutire-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

mos a aplicabilidade do trabalho com esses textos no ensino médio, como estratégia produtiva para leitura e produção de textos.

1. As cartas como texto argumentativo

Uma das definições mais comuns para a argumentação como modalidade textual se refere à questão da intenção comunicativa. Desse modo, argumentar seria defender um ponto de vista em contraste com outros, convencer o receptor de algo, persuadi-lo ou influenciá-lo, mediante apresentação de razões, dados, exemplos etc., organizados de maneira coerente e consistente.

Entretanto, não existe gênero¹³ textual puramente argumentativo, assim como não há gênero puramente descritivo ou narrativo. O que há são sequências argumentativas, ou descritivas, ou narrativas no mesmo gênero, com predomínio de um ou outro tipo. É o que Marcuschi apresenta como “sequências de base”.

(...) os gêneros são uma espécie de armadura comunicativa geral preenchida por sequências tipológicas de base que podem ser bastante heterogêneas, mas relacionadas entre si. Quando se nomeia um certo texto como “narrativo”, “descritivo” ou “argumentativo”, não se está nomeando o gênero e sim o predomínio de um tipo de sequência de base (A-pud DIONISIO, 2003, p. 27).

Esse predomínio pode ser quantitativo ou qualitativo. Segundo Oliveira (2007), o predomínio será quantitativo quando ocupar mais espaço ou mais tempo na composição do gênero, e será qualitativo quando uma sequência, mesmo ocupando menos espaço ou tempo, tiver outra a serviço dela. Nesse sentido, pode-se dizer que, na classificação do texto, há um privilégio do predomínio qualitativo sobre o quantitativo.

¹³ Adotamos aqui a definição de Dominique Maingueneau (2004). Para o autor, os gêneros são “(...) dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas estão presentes” (p. 61). Os gêneros têm um caráter histórico e social, configurando uma espécie de “retrato” da sociedade em que são construídos. Por isso, não têm nada de eterno, são variáveis de acordo com a época e o lugar. Alguns elementos que vão compor esse caráter histórico e social são importantes para situar um gênero: o produtor do texto, o receptor, o lugar, a época, a função do texto, o meio.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Nas cartas dos leitores, de modo geral, percebe-se – mesmo que haja um ou outro enunciado descritivo ou uma breve narração de um fato – um propósito argumentativo, já que o leitor que escreve tem o intuito de apresentar seu ponto de vista, defendendo-o em relação a outros possíveis.

Considerando outro aspecto na constituição da argumentação, a Teoria dos Blocos Semânticos, de Marion Carel, apresenta uma nova configuração à Teoria da Argumentação na Língua.¹⁴ Ela defende que é a relação entre as palavras no enunciado que torna o discurso argumentativo. Sob esse aspecto, a escolha das palavras já é argumentação por si só. Sob essa ótica, a linguagem é uma prática que nunca é neutra, pois a argumentação já está inscrita na própria língua.¹⁵

De outra perspectiva, estudos da Linguística Textual se voltam para a análise de determinadas marcas que vão compor o texto argumentativo. Em Koch, são apresentadas algumas: operadores argumentativos, marcadores de pressuposição, indicadores modais etc. Quanto à questão da natureza argumentativa da língua, a autora se posiciona:

Quando interagimos através da linguagem (...), temos sempre objetivos, fins a serem atingidos; há relações que desejamos estabelecer, efeitos que pretendemos causar, comportamentos que queremos ver desencadeados, isto é, pretendemos atuar sobre o(s) outro(s) de determinada maneira, obter dele(s) determinadas reações (...). É por isso que se pode afirmar que o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa (KOCH, 2001, p. 29).

Considerando uma perspectiva mais ampla, ainda é possível identificar duas posturas diferenciadas, mas não independentes, para a análise da argumentação nos gêneros. Uma relacionada à Análise do Discurso, que se preocupa, de maneira geral, mais com o aspecto

¹⁴ A Teoria da Argumentação na Língua (TAL) foi desenvolvida por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre (1983) e, atualmente, também por Marion Carel (1995/1997), com a Teoria dos Blocos Semânticos, como uma nova contribuição.

¹⁵ Para este trabalho, não nos voltamos para uma análise detida do léxico como constituinte da argumentação. Isso é algo que se pretende verificar em estudos futuros.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

sociocultural, com as condições de produção do texto, com o papel dos participantes no ato comunicativo, com o quadro de espaço e tempo, com a finalidade da comunicação, com o suporte utilizado e com a organização geral do texto; outra associada à Linguística Textual, que se volta mais para o estudo das marcas linguísticas que configuram a argumentação no texto.

Na análise de algumas cartas apresenta a seguir, buscamos nos ater à delimitação dos elementos constitutivos do gênero e à identificação de aspectos da macroestrutura dos textos, atentando, assim, mais para a segunda perspectiva.

2. Uma breve análise das cartas: algumas considerações

Foram selecionadas, para uma primeira análise, quinze cartas, sendo retiradas cinco do jornal do dia 12 de julho, cinco do dia 13 de julho e cinco do dia 20 de julho de 2008.¹⁶

Neste primeiro momento, o foco se voltou para dois aspectos. O primeiro diz respeito à identificação dos elementos que caracterizam as cartas de leitores do jornal como um gênero específico. Para isso, procurou-se identificar elementos como: estatuto dos participantes, quadro de espaço e tempo, o meio, a temática e a função, privilegiando-se os dois últimos. O segundo se relaciona a uma questão ligada à macroestrutura, que seria a identificação do tema dos textos e o modo como este é apresentado.

O primeiro aspecto diz respeito aos seguintes pontos: os interlocutores se definem como um autor, que é o próprio leitor do jornal, e os outros leitores também do jornal; o tempo se refere ao momento presente (normalmente considerando a semana em que o fato é noticiado); o espaço se reporta ao território nacional ou regional; o meio (canal) é o jornal impresso.

Em relação à temática, no que diz respeito ao segundo aspecto, foi destacado dos textos o enunciado que refletiria o assunto tratado na carta, acompanhado ou não já de uma espécie de opinião do

¹⁶ As cópias das cartas selecionadas estão à disposição para consulta por meio do e-mail so-lange.sns@ig.com.br.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

autor do texto. Percebemos que em algumas vezes esse tema se refere puramente ao fato discutido em si; em outras, à tese defendida pelo autor.¹⁷

Também verificamos que, na maioria das vezes, o tema está explícito no texto, na forma de um enunciado claro e objetivo, mas em algumas ele fica subentendido, apresentando-se de forma mais subjetiva.

A seguir apresentamos duas tabelas: a primeira informa os temas e as funções comunicativas dos textos; a segunda mostra em quais cartas o tema aparece de forma explícita ou subentendida e em quais o tema corresponde ao fato discutido ou à tese.

	TEMA	FUNÇÃO
01	Prisão e soltura de criminosos investigados pela Polícia Federal, aparentemente sem critério claro.	Criticar a atuação do presidente do STF e elogiar a atuação da PF, da Procuradoria da República e do Judiciário de 1ª Instância.
02	Prisão e soltura de criminosos investigados pela Polícia Federal, aparentemente sem critério claro.	Criticar a atuação do presidente do STF.
03	Prisão e soltura de criminosos investigados pela Polícia Federal, aparentemente sem critério claro, mas tratando especificamente do caso do banqueiro Daniel Dantas.	Expor um parecer, um ponto de vista, sem um posicionamento contra ou a favor claro.
04	Criação aparentemente suspeita de cargos, sem concurso e com salários altos, por senadores.	Protestar contra a atuação do Senado. Sugerir o cancelamento do ato.
05	Criação aparentemente suspeita de cargos, sem concurso e com salários altos, por senadores.	Protestar sobre atuação do Senado. Pedir solução.
06	Declaração aparentemente enganosa de alguns políticos sobre seu patrimônio.	Criticar a atitude desses políticos.
07	Injustiça de culpar somente os PMs	Criticar autoridades pelo desprepa-

¹⁷ Para esclarecer, consideramos, nesta análise, tema aquilo que representa a ideia central do texto, que se liga diretamente ao assunto. Em alguns textos, esse tema somente reproduz a notícia, o fato ocorrido ou a fala de outros, para em seguida, no decorrer do texto, vir o comentário do leitor apresentando um ponto de vista; em outros, o tema traduz diretamente a opinião do autor sobre o fato, um ponto de vista acerca dele, a ideia que quer apresentar ou defender na carta – o que estamos chamando de tese. Esta é uma abordagem provisória, podendo sofrer mudanças em pesquisas e análises futuras.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

	pelas tragédias ocorridas ultimamente.	ro dos PMs. Propor solução.
08	Punição aos maus policiais.	Criticar autoridades pelo despreparo dos PMs. Pedir solução.
09	Radicalismo da Lei Seca no trânsito.	Mostrar-se contrário, com concessões. Propor soluções equivalentes para outros problemas.
10	Lei Seca no trânsito.	Mostrar-se contrário, com concessões. Propor soluções equivalentes para outros problemas.
11	Falta de harmonia entre os três poderes.	Criticar os três poderes.
12	Caos social e ambiental para o qual o Brasil caminha.	Criticar os governantes.
13	Reclamação de alguns candidatos sobre os gastos da prefeitura do Rio com a Cidade da Música.	Concordar, mas com concessões. Criticar os governantes.
14	Estado de falência da ordem pública e da paz social no Brasil.	Criticar os governantes. Exigir solução.
15	Mau estado da sala de periódicos da Biblioteca Nacional.	Criticar os governantes. Exigir solução.

Tabela 1: Temas e funções das cartas de leitores selecionadas.

Com base nessa tabela, pudemos verificar alguns aspectos que podem suscitar uma análise mais profunda. Das quinze cartas, em treze o leitor critica ou questiona algo ou alguém – sendo que em duas essa crítica é atenuada por concessões (no caso da Lei Seca) –; em uma o leitor faz um elogio (à atuação da PF), e em uma o leitor expõe um parecer, sem tomar uma posição mais radical contrária ou a favor (no caso da atuação do Judiciário relacionada a Daniel Dantas). Isso pode levar a crer que o tom geral adotado nas cartas é de reclamação. Essa pode ser a motivação básica para o envio de cartas ao jornal, ponto a ser investigado de forma mais detida em um número maior de cartas.

A seguir, apresentamos a tabela referente à forma como o tema aparece e à correspondência do tema à notícia em si ou à tese propriamente dita.

Enunciado do tema			Posicionamento do autor no tema	
<i>Nº</i>	<i>Explícito</i>	<i>Subentendido</i>	<i>Fato</i>	<i>Tese</i>
01	x			x
02		x		x
03		x		x

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

04	x			x
05	x			x
06		x		x
07	x			x
08	x		x	
09	x			x
10	x		x	
11	x			x
12	x			x
13	x		x	
14		x		x
15	x			x

Tabela 2 – Como o tema é apresentado nas cartas de leitores.

Pelo que foi possível verificar nessa análise, em sua maioria (onze cartas), o tema apresenta-se nos textos na forma de um enunciado claro e objetivo.

A título de exemplo, mostramos a seguir alguns trechos das cartas em que isso acontece.

- a) (1) “É espantoso assistir à prisão e à soltura de criminosos investigados pela Polícia Federal.”
- b) (4) “É revoltante saber que, na calada da noite, os senhores senadores criam mais 97 cargos, sem concurso, com salário mensal de R\$ 10 mil (...)”
- c) (7) “Culpar somente os despreparados PMs pelas tragédias ocorridas nos últimos tempos considero uma distorção!”

A seguir, apresentamos alguns exemplos em que o tema aparece de forma mais subjetiva:

- a) (2) “Enquanto muitos réus pobres estão apodrecendo na cadeia (...), outros ricos (...) são soltos (...)” O autor quer se referir nesse caso a prisões pela PF e a solturas pelo Judiciário de Daniel Dantas ocorridas ultimamente.
- b) (6) “Como são pobres os candidatos a prefeito do Rio.” Nesse caso, o autor vai tratar, de forma irônica, das declarações aparentemente enganosas de alguns políticos sobre seu patrimônio.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Ainda, na maior parte dos textos (doze cartas), o tema se transfigura no formato de tese. Ou seja, na apresentação do tópico tratado na carta já há um engajamento do autor, refletindo de alguma maneira seu ponto de vista a respeito do assunto.

Apresentamos, a seguir, alguns casos em que o tema apenas descreve o fato, reportando-se à voz de outro enunciador.

- a) (8) “Fala-se muito em punir os maus policiais.”
- b) (10) “Devido ao grande número de acidentes e vítimas provocados por pessoas dirigindo bêbadas ou alcoolizadas, veio a Lei Seca!”

Embora seja possível identificar determinadas marcas de pessoalidade nos enunciados (como, por exemplo, a escolha lexical) e de considerar, como dissemos antes, que a linguagem por si só não é uma atividade neutra, por ter uma natureza argumentativa, esses enunciados se contrapõem visivelmente a um engajamento mais explícito apresentado em outros textos, como é possível constatar a seguir.

- a) (4) “É revoltante saber que, na calada da noite, os senhores senadores criam mais 97 cargos, sem concurso, com salário mensal de R\$ 10 mil (...)”
- b) (9) “Estou entre aqueles que consideram a Lei Seca radical demais.”
- c) (15) “É lastimável o estado de penúria em que se encontra a sala de periódicos da Biblioteca Nacional.”

Como se pode ver, o léxico reflete essa posição mais claramente engajada (espantoso, revoltante, lastimável, penúria). Isso, juntamente com a estrutura frasal construída, define um posicionamento explícito em relação ao tema (Estou entre aqueles...).

Uma análise deste tipo já pode ser extremamente importante para o trabalho com textos argumentativos em sala de aula, no que diz respeito à prática das habilidades de leitura e de produção de texto que visem à identificação de ideias centrais e propósitos em um texto e à construção de uma postura crítica.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

3. As cartas de leitores em sala de aula do ensino médio

O trabalho com os textos em sala de aula com base na perspectiva do conceito de gênero é muito importante, no sentido de formar um leitor mais consciente sobre os atos comunicativos, considerando elementos integrantes da situação comunicativa como colaboradores de sentido na produção textual: os interlocutores, o tempo, o espaço, as condições de produção etc.

O texto argumentativo deve ser estudado com base em diferentes gêneros, já que é mais complexo em relação à apresentação e à organização das ideias, assim como à defesa de um ponto de vista. Por conta disso, deve ser trabalhado de modo mais aprofundado no ensino médio, quando os alunos estão mais preparados para lidar com os textos de maneira mais consciente e crítica.

Isso é fundamental para que o estudante tenha condições de entender seu mundo de maneira mais reflexiva, como também de se posicionar diante de sua realidade como indivíduo social, como cidadão.

Uma das formas significativas em que se pode verificar um posicionamento do cidadão frente ao mundo é no espaço do jornal dedicado à publicação de cartas dos leitores, onde estes podem se manifestar textualmente sobre e para a sociedade em que vivem. Fazer com que os alunos analisem esse tipo de texto propicia que eles entrem em contato com uma oportunidade de cidadania e democracia, no sentido da possibilidade de atuação direta sobre a realidade pela linguagem. Dutra (2007) destaca a importância dessa abordagem:

É necessário que os alunos convivam com o texto de opinião escrito, analisando seu conteúdo e suas estratégias de estruturação. Um importante *corpus* desse gênero para leitura na escola está nos jornais e nas revistas: são cartas e e-mails de leitores que opinam sobre tema(s) comum(ns), geralmente problemas ou acontecimentos ocorridos recentemente, que afetam a vida de seu país, seu estado, sua cidade, seu bairro.

Ler textos de opinião, escritos por diferentes autores, sobre um mesmo assunto, possibilita ao aluno conhecer diferentes pontos de vista e suas respectivas fundamentações. É preciso guiar a leitura do aluno para que ele perceba qual é a questão abordada (fato), a opinião do autor do texto (tese) e sua justificativa (argumentos), elementos fundamentais na estruturação desse gênero.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Uma atividade prática em sala de aula muito proveitosa no ensino médio seria a delimitação social do gênero, identificando seus elementos constituintes. Assim, após se informar sobre o tema discutido nas cartas, o aluno faria uma leitura orientada dos textos com o professor, participando de discussões sobre os pontos de vista apresentados.

Após isso, a turma poderia enumerar os elementos colaborativos para o sentido dos textos: o papel dos interlocutores na situação comunicativa, a função do texto, o quadro de espaço e tempo delimitado, o meio de divulgação. O objetivo, com isso, seria o aluno desenvolver a capacidade leitora, a partir de uma perspectiva do conceito do gênero, ampliando assim as possibilidades de interpretação textual, com atenção à construção de uma capacidade crítica.

Outro tipo de atividade poderia enfatizar a habilidade de produção textual, a partir da discussão, da formação e da organização de ideias e opiniões.

Após tomar conhecimento do fato ou da notícia, os alunos poderiam ler e discutir as cartas de leitores sobre um assunto específico em comum, grifando os trechos que traduziriam os pontos de vista dos autores dos textos.

Em seguida, deveria ser feita uma pesquisa, em outros jornais ou na internet, sobre o tema, para que aluno pudesse formar sua opinião com base em diferentes abordagens. Por fim, após ter acesso a variadas fontes e variados pontos de vista, o aluno teria condições de produzir uma carta se posicionando acerca do tema. Poderia, inclusive, ser considerada a possibilidade de envio das cartas da turma ao jornal.

O objetivo com esse exercício seria praticar a produção de texto dissertativo/argumentativo de maneira mais fundamentada, consciente e crítica, menos automatizada conforme modelos de redação tradicionais trabalhados na escola, em muitos casos esvaziados de sentido. Com isso, não se quer dizer que é improdutivo trabalhar diretamente com os modos de organização textual (descrição, narração e dissertação). Pelo contrário, um trabalho não deve substituir o outro. Como defende Oliveira (2007), devem ser analisados e produ-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

zidos em sala de aula, conjuntamente, gêneros e modos de organização textual, de forma equilibrada e crítica.

4. Considerações finais

Situar as cartas de leitores como gênero argumentativo a ser trabalho em sala de aula do ensino médio destacou alguns pontos importantes neste trabalho.

Ocupando o espaço de opinião, juntamente com artigos e o editorial, no jornal *O Globo*, as cartas expõem determinadas posturas dos leitores: reclamar, apoiar, elogiar, criticar etc. Essas posturas visam apresentar pontos de vista e buscam o convencimento, a persuasão, a influência sobre o outro.

Por causa disso, as cartas se revelam um material apropriado para o trabalho com argumentação em sala de aula, já que possibilitam o contato do estudante com diferentes opiniões acerca de um tema. Isso pode colaborar bastante para a discussão e a formação de ideias, o que é fundamental para uma leitura mais reflexiva e crítica.

O foco nesse caso volta-se para o ensino médio porque acreditamos que nesse ciclo os alunos estão mais maduros para o exercício mais intensificado e aprofundado dessas habilidades.

Na análise das cartas, foram notadas algumas tendências: na maioria delas, o tema aparece de forma explícita, com um enunciado objetivo; além disso, o tema já é apresentado na maior parte delas com certo engajamento do autor, em textos em que apresentaram a função básica de criticar ou questionar algo ou alguém.

Esses pontos são úteis para a delimitação de roteiros de leitura e discussão dos textos em sala de aula, a fim de destacar elementos que contribuam para construção do texto argumentativo e de conscientizar acerca dos papéis críticos de leitor e produtor de textos na prática social cotidiana.

Certamente, esses aspectos não são apresentados neste trabalho como resolvidos ou definitivos. Pelo contrário, a análise se pausou, como já se esclareceu, sobre um número pequeno de cartas, por isso não é possível chegar a conclusões precisas no momento. Pretendemos continuar essa análise em um *corpus* de maior extensão e

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

em uma bibliografia mais ampla sobre o assunto no decorrer de nossas pesquisas.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, G. *Educação pelo argumento*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

COUTINHO, M. A. Para uma linguística dos gêneros do texto. *Dia-crítica*. Braga: n. 19 (1), 2005, p. 73-88.

DIONISIO, A. P. *et al. Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

DUTRA, V. L. R. *O texto de opinião no ensino fundamental*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/10/13.htm>. Acesso em: 08 mar. 2007.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 17. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

KOCH, I. V. *A interação pela linguagem*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. *Argumentação e linguagem*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, H. F. de. Categorias do modo argumentativo de organização do discurso e relatores. **In:** GÄRTNER, E. et al (eds.). *Estudos de linguística textual do português*. Frankfurt: TFM, 2000, p. 173-190.

_____. Gêneros textuais e conceitos afins: teoria. **In:** VALENTE, A. (Org.). *Língua portuguesa e identidade: marcas culturais*. Rio de Janeiro: Caetés, 2007.

TOLDO, C. S. *Questões de linguística*. Passo Fundo: UPF, 2003.